Gui
e o
Estendal Mágico

Sandra Serra

Gui e o Estendal Mágico

Espiral Inversa

O Gui estava a dar os últimos retoques no seu quarto. Ajeitou o cachecol da seleção nacional pendurado na cadeira, esticou a colcha da cama de hóspedes que a avó tinha preparado, escondeu as meias sujas debaixo do tapete, e estava a alinhar os livros na prateleira quando ouviu o ronco de um carro a aproximar-se de casa.

O Gui saltou para a janela e lá estava ele. Um carrão vermelho e brilhante, daqueles que só se veem nos anúncios de televisão.

— Avó, avô — gritou, enquanto escorregava pelo corrimão da escada — já chegaram!

Pouco se lembrava do primo Pierre. Da última vez que se tinham visto eram ainda muito pequeninos.

O tio João vinha a Portugal sempre que podia e morria de saudades da sua aldeia.

Falavam muitas vezes pela *internet* e o tio João não se cansava de suspirar pela comidinha portuguesa, pelas paisagens e cheiros da sua aldeia, pelos seus amigos e família, que tão bem o sabiam receber. Tinha saudades das coisas mais incríveis, e dizia, como se fosse possível, que o sol português era o mais bonito do mundo. O Gui não compreendia muito bem essa história das saudades, mas estava em pulgas para ver o primo.

O Pierre não estava menos ansioso. Era bem mais alto do que o Gui, embora só tivesse um ano a mais. Tinha o cabelo comprido, despenteado e tão louro que até parecia branco.

Saltou do carro todo descontraído e sorridente — *Salut*, primo Gui!!! — disse o Pierre ao abraçar o primo com toda a força.

— Gui, estás tão grande, miúdo! — abraçou-o também o tio João. — Não imaginas quantas vezes falamos de ti.

Passaram um serão animado, a contar histórias e a saborear os petiscos tradicionais de que o tio João tinha tantas saudades.

De manhã, quando o Pierre apareceu na sala, ainda mais despenteado do que no dia anterior, já o Gui estava pronto e ansioso para o levar a conhecer os amigos e a aldeia. E, de seguida, saíram a tagarelar como se estivessem sempre juntos.

O Gui mostrou-lhe todos os cantos e recantos da aldeia. Passaram pela Quinta das Macieiras, pela casa do Manel pastor, pela escola, que tinha a melhor biblioteca das redondezas e, finalmente, chegaram à praça da igreja.

No centro da praça saltava aos olhos um imponente coreto, todo em ferro, pintado de verde.

Nessa altura já muitos outros meninos se tinham juntado aos dois primos, curiosos por conhecer o Pierre e todos vaidosos em mostrar a sua aldeia.

— E já está! — exclamou o Gui de braços abertos. — Esta é a minha aldeia. Gostas?!

O Pierre estava a adorar ser o centro das atenções, e estava feliz com a simpatia e hospitalidade dos outros miúdos. Estava tão entusiasmado que saltou para o coreto, com o seu jeito desgrenhado, e com a voz bem colocada começou a representar e a cantar. Ora imitava um valente cavaleiro, ora chorava como uma donzela, ora cantava e dançava com o seu ar cómico.

Todos, até os adultos que iam a passar, pararam de boca aberta a apreciar a atuação do Pierre.

No final, agradeceu os aplausos, todo pomposo, e saltou para junto das outras crianças, que estavam ansiosas por saber onde tinha aprendido a representar e a cantar tão bem. Falavam todos ao mesmo tempo, até que o Pierre, sem conseguir responder a nada, falou mais alto.

— Calma, calma! Eu faço teatro lá na minha escola e também ando num grupo de canto no meu bairro. Por falar em teatro, vocês não me mostraram o teatro da aldeia.

— Nós não temos teatro — disse o Gui um pouco envergonhado. Mas logo se recompôs e continuou.
— Não temos teatro, mas temos o coreto. Quando a banda toca ou o rancho dança é aqui que fazemos a festa — e apontou vaidoso para o grande coreto.

A Ana olhava para o Pierre com um ar derretido e, mesmo cheia de vergonha, arriscou perguntar:
— Podes ensinar-me a representar assim tão bem como tu? Eu queria tanto ser atriz de telenovelas — suspirou.

O Gui, que adorava filmes de ação, interrompeu imediatamente — De telenovelas?! Nem pensar! Eu gostava de ser ator de cinema, p'ra dar aquelas piruetas no ar e lutar contra os extraterrestres.

— Pois o que eu gosto mesmo é de representar — concluiu o Pierre. — Seja no teatro, no cinema, na escola ou no meu quarto, o que é divertido é fazer de conta que somos outra pessoa, e que estamos em outro lugar ou em outra época. Eu e os meus amigos arranjamos chapéus, construímos espadas, enfeitamos casacos e começamos a inventar histórias para representá-las.

— Boa ideia! Vamos brincar a isso! Vamos brincar aos teatros! — disse o Gui já aos saltos.

O Pierre viu o entusiasmo de todos e propôs que fizessem uma peça para apresentarem no coreto, para toda a aldeia. As crianças adoraram a ideia e resolveram que a apresentariam na véspera de Natal.

O Pierre assumiu, por indicação de todos, o papel de diretor da peça e começou a distribuir tarefas.

A Isabelinha e o Gui ficaram responsáveis por escrever a peça, pois eram os mais criativos e os melhores alunos de português.

Ficou ainda decidido, sem dúvida alguma, que o tema seria o Natal.

— Agora temos de tratar do cenário e dos figurinos — o Pierre falava como um profissional.

— O que é isso de figurinos? Isso devem ser invenções dos artistas — o Rui estava impaciente e queria começar logo a ensaiar.

— Os figurinos são as roupas que vamos usar durante a atuação.

— A minha mãe não me vai deixar trazer as roupas dela — disse a Ana.

— Nem a minha avó! Punha-me de castigo até ao Ano Novo! Mas tenho uma ideia... podemos pedir às pessoas da aldeia para nos darem as roupas que já não usam.

Todos concordaram. Fizeram um cartaz a anunciar a peça e outro a pedir as vestimentas para os figurinos. E para que as roupas não se sujassem, improvisaram um estendal, mesmo em frente ao coreto, onde as pessoas poderiam deixá-las.

Estiveram todo o dia entretidos com aquela nova brincadeira.

Durante o jantar os primos não se calaram. Estavam eufóricos a contar aos avós e ao tio João o que iam fazer.

A seguir à refeição, como de costume, a avó pediu ao Gui que levasse o lixo ao ecoponto. Foi a oportunidade que os dois primos esperavam. Estavam ansiosos para ver se alguém já tinha colocado roupas no estendal.

A aldeia estava deserta e o vento frio fazia-se sentir e ouvir pelas ruas pouco iluminadas. As árvores projetavam sombras que os faziam arrepiar e os portões e as tabuletas enferrujadas rangiam como se chorassem por dias mais quentes. Mas a curiosidade era maior do que o medo e os dois seguiram, sem pestanejar, até ao coreto.

Ao chegar à praça nem queriam acreditar.

— Olha, Gui! Já há roupa pendurada!

Pararam subitamente, os dois ao mesmo tempo.

— Viste aquele vulto por trás da manta vermelha, Pierre?

— Parecia um velho, grande e barrigudo — disse o primo com a voz trémula e baixinha.

— Tinha uma grande marreca e umas barbas enormes.

O Gui, armado em valente, sugeriu que fossem ver mais de perto, mas o primo não estava muito convencido.

— Não sejas medricas, ele já se foi embora. Se houver algum problema, eu protejo-te — rematou o Gui de peito inchado.

O Pierre, que era bastante mais alto do que o primo, olhou-o de cima, deu uma gargalhada e aceitou o desafio.

Aproximando-se um pouco mais, observaram que já havia várias peças de roupa no estendal.

— Vê só, Gui! Uma manta, um cachecol, um pijama... — desataram os dois numa grande risota, quando viram umas ceroulas brancas com coraçõezinhos vermelhos.

De repente, no meio das gargalhadas, ouviram:

— Qual é a graça, miúdos?

Os dois empalideceram e pararam imediatamente a galhofa.

— Quem é que disse isto, Gui?

— Eu não fui! Deve ter sido o homem gordo. Mas onde é que ele está? Não o vejo!

— Eu não sou nada gordo… — a voz misteriosa parecia estar mesmo ali ao lado.

— Quem está aí? — balbuciaram, os dois ao mesmo tempo, escondendo-se por trás das ceroulas.

— Larguem-me! Estão a amarrotar-me!

Os primos deram um grande pinote cada um para o seu lado e esconderam-se atrás do coreto.

Afinal quem estava a falar eram as próprias ceroulas.

— Venham cá, miúdos, não tenham medo! Acham que umas ceroulas aos coraçõezinhos vos vão fazer mal? Ali o Sr. Cachecol até vos podia apertar o gasganete, mas eu não faço mal a uma mosca.

Saíram os dois cautelosamente de trás do coreto e o Gui arriscou dizer umas palavras, para ter a certeza de que não estava a sonhar.

— Mas-mas... Se-senhora ce-ce-ceroulas... Como é possível que umas ceroulas falem?

— Mau, mau, Maria! Eu não sou uma senhora! Sou o Sr. Ceroulas.

— Ninguém diria! Com esses coraçõezinhos todos... — disse o Pierre entre dentes.

— Hi, hi, hi!!! Estão a gozar contigo! – riram-se as peúgas, que falavam sempre ao mesmo tempo.

De repente todas as roupas começaram a rir e a agitar-se no estendal.

— Muito prazer, meninos. Eu sou o Sr. Capote Alentejano. Já estou um pouco velhote mas ainda posso aquecer quem me quiser.

— Eu sou a Dª Mantinha, quentinha e fofinha! Fico bem enroladinha ou toda esticadinha, na caminha ou na salinha, sou sempre boa vizinha...

Após todas as apresentações o Sr. Capote quis saber porque é que estava ali pendurado no meio da praça e o Gui, prontamente, explicou toda a história e as suas intenções.

— E quando acabar o teatro, o que vão fazer connosco? — perguntaram as peúgas.

Os primos ficaram engasgados. Ainda não tinham pensado nisso.

— Já estou mesmo a ver o que nos vai acontecer — resmungou o Sr. Cachecol. — Vão enfiar-nos num baú ou num saco de plástico até ficarmos cheios de traças e depois... LIXO!

— Não pode ser! Isso é muito injusto! — as roupas estavam em alvoroço, indignadas, inconsoláveis.
— Há muita gente que precisa de nós!

O Gui rapidamente percebeu a gravidade da situação. Aquelas roupas eram demasiado importantes para serem esquecidas depois da peça de teatro. Começou a ter um turbilhão de ideias. Saltou
para a frente de todos e disse empolgado: — Vamos juntar o maior número de peças de roupa que conseguirmos para dar a quem precisa.

— VAMOS FAZER O MAIOR ESTENDAL DO MUNDO!!!!

E assim foi!

As crianças espalharam cartazes com o pedido por toda a aldeia e pelas aldeias vizinhas!

As pessoas foram colocando no estendal todo o tipo de roupa: casacos, camisas, vestidos, pijamas, cobertores, toalhas, lençóis e até babetes lá penduraram...

E aconteceu uma magia incrível! Cada vez que alguém punha uma peça no estendal, ele crescia sozinho. O estendal cresceu, cresceu e cresceu! Já estava tão comprido que parecia desaparecer nas nuvens.

Enquanto isso, o Pierre tentava organizar o grupo para começar os ensaios.

Recolheram do estendal algumas roupas que acharam adequadas aos figurinos e foram até ao esconderijo secreto do Gui. Era o local perfeito para os ensaios: um moinho abandonado que ficava no alto de um monte e onde, com toda a certeza, não seriam incomodados.

Espalharam todas as peças de roupa para que cada um pudesse escolher o seu fato.

A Ana apaixonou-se logo por uma saia de bailarina cor-de-rosa. Vestiu-a com ligeireza e, para espanto de todos, começou a rodopiar sem parar. Dava longos saltos, levantava a perna, enrolava os braços e rodopiava sem cessar.

O Rui calçou umas botas da tropa e desatou a marchar, aos círculos, também sem conseguir controlar os braços e as pernas.

A Rita envolveu-se num xaile preto, com bordados coloridos, e começou a cantar fado, com trinados estridentes e intermináveis.

A Maria caiu na asneira de agarrar numa sombrinha e assim que a abriu foi puxada pelo ar, às voltas e reviravoltas, até desaparecer nas nuvens.

O Pedro, que vestiu um pijama de riscas, dormia profundamente no meio de toda aquela confusão.

O Gui e o primo estavam de boca aberta a assistir àquele espetáculo maluco.

— As roupas têm vida própria!

— E agora, como é que as fazemos parar, Gui?!!

— Tu é que és o diretor da peça! Não tens nenhuma ideia genial?!

O Pierre começou a gritar — Parem imediatamente! Voltem todos aqui!

Mas enquanto gritava foi apanhado por um cinto de karaté e desatou aos pinotes, a lutar sem saber com quem.

O Gui estava desesperado. Já havia crianças em cima das árvores, em cima do moinho... A Maria tinha mesmo desaparecido nas nuvens... Estavam todos desgovernados.

Olhou à sua volta, à procura de algo que fizesse as roupas parar, viu um velho balde encostado ao moinho e teve uma ideia. Correu para o ribeiro, encheu o balde de água e despejou-o, com toda a força, por cima da Ana que continuava a rodopiar.

De imediato a Ana caiu ao chão, encharcada, confusa, mas quieta.

O Gui continuou a encher o balde e foi atirando água para cima de todas as outras crianças que, com as roupas encharcadas e pesadas, acabaram também por parar estateladas no chão.

O Pedro também apanhou com um balde de água e acordou assustado, sem perceber o que é que se estava a passar. — O que é que te deu, Gui?! Eu estava a dormir tão bem...

— Ufa! Finalmente consegui pôr-vos quietos! — exclamou o Gui, exausto.

Aos poucos as crianças foram tomando consciência do que tinha acontecido. Enquanto se livravam das roupas molhadas ouviram uma voz muito ao longe: — E eu?! E eu?! Tirem-me daquiiiii!

Era a Maria que continuava a voar entre as nuvens, agarrada à sombrinha.

— Não tenhas medo! Eu vou ajudar-te! — berrou o Gui, aflito por ver a sua melhor amiga naquela situação.

Em jeito de herói, calçou uns ténis de jogador de basquete e deu um salto, tão alto que conseguiu alcançar a Maria e agarrar-se também à sombrinha.

— Temos de fazer descer esta sombrinha maluca! Temos de a conseguir fechar! — exclamou o Gui.

Mesmo com todas as voltas e solavancos que davam, e reunindo todas as suas forças, conseguiram fechá-la. Mas assim que o fizeram, começaram a cair a pique. Em pânico, ainda tentaram voltar a abri-la, mas o vento era tanto que não conseguiram. Agarraram-se, com toda a força, um ao outro e fecharam os olhos...

Lá em baixo, as outras crianças assistiam à queda sem conseguir reagir. Não havia nada a fazer... Eles iam cair no meio do chão e podiam magoar-se a sério.

Mas quando estavam quase a chegar ao solo, Dª Mantinha, que estava sequinha, deu um salto e esticou-se bem esticadinha amparando o Gui e a Maria, sem os deixar tocar no chão.

As crianças nem queriam acreditar que aquela aventura tinha acabado sem que ninguém sofresse um único arranhão.

Enquanto todos recuperavam as forças, e com as roupas ainda quietas e encharcadas, o Pierre pegou no Sr. Capote, que era o mais velho e o mais sábio, pedindo-lhe ajuda. Se as roupas continuassem a portar-se daquela maneira nunca conseguiriam ensaiar a peça até à véspera de Natal.

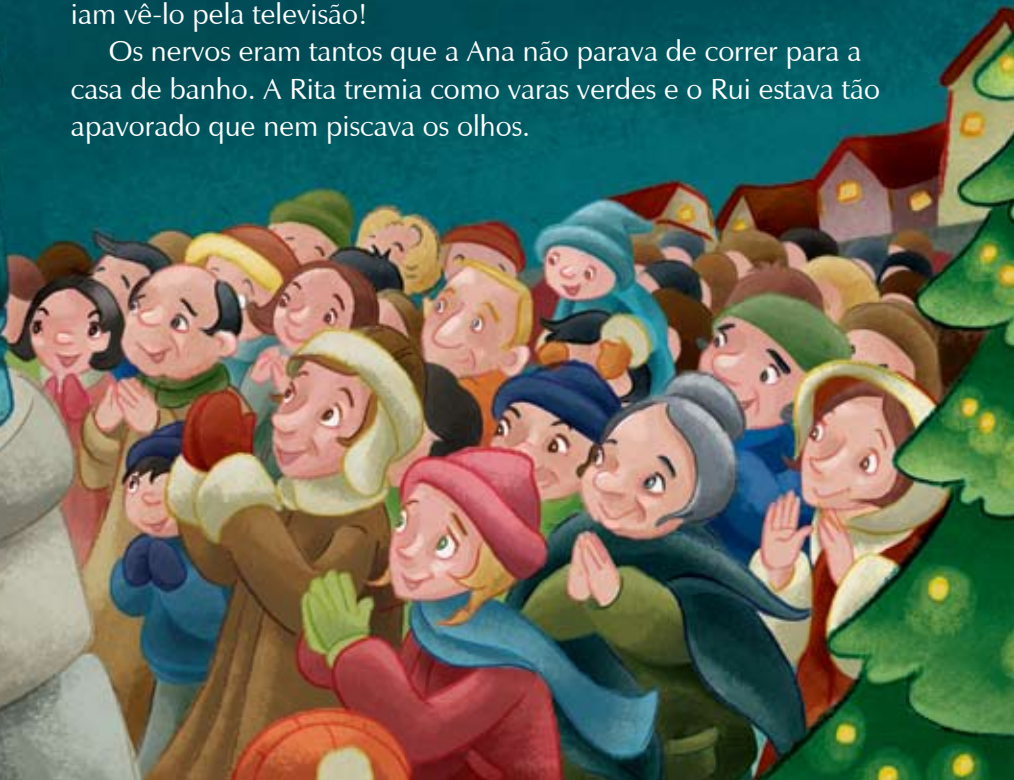
O Sr. Capote sugeriu que pusessem as roupas a secar e que depois ele falaria com elas. E assim fez. Deu-lhes um grande raspanete, e as roupas envergonhadas, por se terem portado mal, prometeram que iam ter mais juízo.

Os dias seguintes, enquanto o estendal continuava a crescer sem parar, foram passados entre ensaios e grandes risotas, até que chegou o grande dia...

Era véspera de Natal e a aldeia nunca tinha tido tanta agitação. Estava cheia de gente de fora, que queria ver a peça de teatro daquele grupo de meninos que tinha inventado o Maior Estendal do Mundo.

Estava lá a rádio local e um canal de televisão que ia transmitir a peça, em direto, para todo o mundo.

O Pierre não cabia em si de contente! Os seus amigos de França iam vê-lo pela televisão!

Os nervos eram tantos que a Ana não parava de correr para a casa de banho. A Rita tremia como varas verdes e o Rui estava tão apavorado que nem piscava os olhos.

O Pierre juntou todos os pequenos atores em roda e falou como um verdadeiro diretor.

— A nossa responsabilidade esta noite é muito grande! Todas estas pessoas estão aqui para nos verem, por isso vamos dar o nosso melhor! Vamos representar com os nossos corações!

A peça era muito simples, escrita por duas crianças pequenas, mas falava de sentimentos muito fortes, que tocam o coração de todos. Falava de amor e de solidariedade.

Foi um grande sucesso. As crianças tiveram que repetir a vénia 12 vezes.

A noite estava muito fria, mas o calor dos corações de todas aquelas pessoas e o céu forrado de estrelas, até fazia parecer que estavam numa noite quente de verão.

No dia 25 de manhã o Gui saltou da cama com uma grande preocupação: como iriam recolher e distribuir todas aquelas roupas? Ele nem fazia ideia até onde ia aquele estendal, por que terras passava ou quantos oceanos atravessava. Estava em pânico. Se não conseguissem entregar as roupas a quem realmente precisava delas, todo aquele esforço teria sido em vão.

Sacudiu o primo da cama e saíram de casa. Foram batendo de porta em porta, arrastando as crianças ainda ensonadas para uma nova reunião junto ao coreto.

Ao chegar à praça tiveram uma grande surpresa. O estendal estava de novo pequenino e nele só se encontravam uma série de barretes vermelhos.

Aproximaram-se em silêncio, sem saber o que pensar, e o Gui reparou que também lá estava colocado um envelope branco com coraçõezinhos vermelhos.

Abriu-o muito depressa...

Querido Gui,

Os últimos dias foram fantásticos! Divertimo-nos como nunca e o teatro foi espetacular.

O Pai Natal veio buscar-nos. Ele sabe exatamente a quem nos entregar e quem vai ficar muito feliz por nos receber esta noite.

Parabéns e muito obrigado a ti, ao Pierre e a todas as crianças que participaram nesta aventura.

FELIZ NATAL!

Sr. Ceroulas

PS: O Pai Natal deixa-vos estes gorros quentinhos de lembrança.

PS 2: O Sr. Capote manda-vos um grande e aconchegante abraço.

PS 3: ~~A D.ª Mantinha, o Sr. Cachecol e as Peúgas também...~~

Um grande beijinho de todas as roupas que estavam no estendal!

FIM

Descobre como são bonitos os trajes tradicionais portugueses.

Pinta-os de acordo com as cores da legenda.

Sabias que...

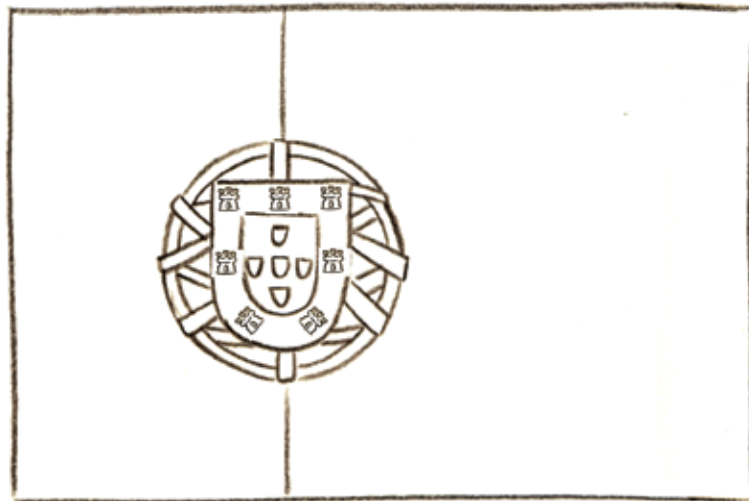
Sabias que o hino e a bandeira de Portugal são considerados dos mais bonitos do mundo? A nossa bandeira tem as cores: verde, cor da esperança; e vermelho, cor da alegria e da vontade de vencer.
O escudo de armas de Portugal ocupa o centro da bandeira. Este escudo é composto por cinco escudetes azuis, com cinco quinas brancas cada um, que representam as vitórias de D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, sobre cinco reis mouros e os seus soldados. Os sete castelos à volta lembram outras conquistas e vitórias de Portugal sobre os seus inimigos. O escudo de Portugal está colocado sobre uma grande esfera armilar dourada, que representa os descobrimentos portugueses em todo o mundo.

O nosso hino chama-se «A Portuguesa». Preenche os espaços com as palavras que encontras na coluna da esquerda, divertindo-te e aprendendo o Hino Nacional.

Pátria
Armas
Mar
Terra
Pátria
Memória
Mar
Armas
Povo
Hoje
Canhões
Novo
Avós
Armas
Voz
Valente
Armas
Portugal

Heróis do ________, nobre _________,
Nação _______, imortal,
Levantai _____ de _______
O esplendor de ___________!
Entre as brumas da __________,
Ó ________, sente-se a ________
Dos teus egrégios _________,
Que há de guiar-te à vitória!

Às ________, às ________!
Sobre a ________, sobre o _________,
Às ________, às _________!
Pela ________ lutar
Contra os ________ marchar, marchar!

Não te esqueças de pintar também a nossa bandeira.

Assim como o Gui e os seus amigos conseguiram oferecer inúmeras peças de roupa a quem mais precisa, também tu podes contribuir para a maior doação de roupa de sempre.
Com a ajuda dos teus pais, escolhe as peças de roupa que já não te servem. Junta todas as peças que estiverem limpinhas, bonitas, e que ainda gostarias de poder vestir se te servissem. Depois só tens que nos vir entregá-las, para oferecermos a quem possa precisar delas. Pede aos teus pais que consultem o *site* do centro comercial que mais visitam, e lá estará toda a informação necessária.
Já agora, podes também falar com a tua família e os teus amigos para fazerem a mesma coisa. E não precisam de ser só roupas de vestir. Também pode ser de roupa de casa, como lençóis, mantas ou cobertores.

Com a tua ajuda muitas famílias vão ficar muito felizes, ao receber esta grande surpresa!

- **Almada Forum** - www.almadaforum.com
- **Armazéns do Chiado** - www.armazensdochiado.com
- **Braga Retail Center** - www.braga-retailcenter.com
- **Espaço Guimarães** - www.espacoguimaraes.pt
- **Forum Algarve** - www.forumalgarve.net
- **Forum Aveiro** - www.forumaveiro.com
- **Forum Coimbra** - www.forum-coimbra.com
- **Forum Madeira** - www.forummadeira.com
- **Forum Montijo** - www.forumontijo.com
- **Forum Viseu** - www.forumviseu.net
- **Forum Sintra** - www.forumsintra.com
- **Parque Mondego** - www.parquemondego.com

Centros Comerciais geridos pela Multi Mall Management Portugal

O projeto «Livro do Gui» integra-se nas políticas de Sustentabilidade desenvolvidas pela Multi Mall Management Portugal.

Nesta 5ªEdição estendemos novamente a ação deste livro a uma causa solidária, ao termos por objetivo ajudar muitas famílias necessitadas, com a doação de um bem de primeira necessidade. Iremos recolher roupa em boas condições de utilização, e oferecê-la a diversas instituições de solidariedade social, da área de influência de cada centro comercial.

Na vertente educacional, procurámos, através desta história e jogo infantis, alertar as crianças e os seus educadores para a riqueza da cultura portuguesa e, consequentemente, realçar o orgulho na nossa nação.

Novamente na área ambiental, o nosso compromisso climático passa por assumirmos a responsabilidade pela compensação das emissões de carbono resultantes da produção deste livro, através do apoio à reflorestação de uma área localizada nos concelhos de Palmela e Setúbal.

Distribuição gratuita

Este é um livro com impacto nulo no clima.
As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção do papel que o compõe e à respetiva impressão, foram quantificadas e compensadas, através do sequestro em quantidade equivalente de dióxido de carbono na área florestal da Herdade da Gâmbia.
A Herdade da Gâmbia está localizada na Reserva Natural do Estuário do Sado, e integra povoamentos de sobreiro e pinheiro manso. Ao apoiar esta área florestal a MMM está a contribuir para a gestão sustentável da floresta em Portugal, assumindo a sua responsabilidade climática.

Um projeto Multi Mall Management Portugal